MINISTÉRIO DA CULTURA e *PETROBRAS*
apresentam

ensaio aberto

O DRAGÃO

DE EUGÈNE SCHWARTZ



DIREÇÃO
LUIZ FERNANDO LOBO

Os Dragões existem. Alguns com muitas cabeças. É preciso matá-los. Mas não é fácil, justamente porque eles têm muitas cabeças. Na meia noite do século Eugène Schwartz escreveu O Dragão. As tropas de Hitler se confrontavam com as tropas de Stalin. A batalha de Stalingrado foi o confronto que definiu os contornos do século XX.

Em plena época de realismo socialista Schwartz tem a coragem e a lucidez de escrever um conto de fadas para adultos, como ele gostava de dizer. Recorre aos avanços artísticos e técnicos dos primeiros anos pós revolução, numa total mudança da forma e da linguagem. Lancelot, o Gato e os operários forjam as armas para derrotar as três cabeças do Dragão. Toda a memória da luta operária está lá, desde os Tecelões da Revolução Alemã, passando por 1848, 1871, 1905, 1917 até o nascimento dos conselhos operários, os sovietes.

Lancelot nos recorda que a maior dificuldade de enfrentar os Dragões é o medo. O medo que paralisa. O medo que aprisiona. Os fascismos sempre alimentaram e alimentam o medo. Enfrentar o medo é enfrentar o fascismo. Alimentar o medo é alimentar o fascismo. Organizar a luta é retomar a história dos trabalhadores. História com inúmeras derrotas. Recorrer à memória da luta dos vencidos e contar a história dos conselhos operários para ter a coragem de enfrentar os Dragões e derrotá-los. É preciso reconstruir tudo.

LUIZ FERNANDO LOBO





BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Ensaios sobre Brecht. São Paulo: Boitempo, 2017.

BRECHT, Bertolt. Cinco dificuldades no escrever a verdade. In: __. Teatro dialético. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DEUTSCHER, Isaac. A revolução inacabada. Rússia 1917-1967. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIÉVILLE, China. Marxismo e fantasia. Disponível em: www.blogdaboitempo.com.br/wp-content/uploads/2014/11/marxismo-e-fantasia-china-mic3a9ville.pdf
Último acesso: 22 de março de 2026.

TROTSKY, Leon. A revolução permanente. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TROTSKY, Leon. A revolução traída. São Paulo: Sundermann, 2020.



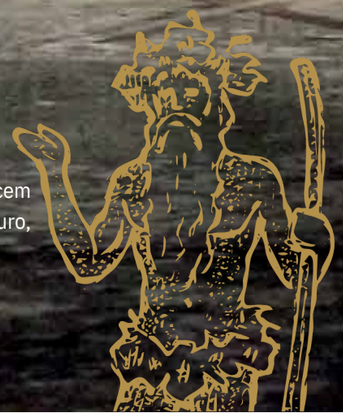
O salto do tigre em direção ao passado consiste em salvar a herança dos oprimidos e nela se inspirar para interromper a catástrofe presente.

MICHAEL LÖWY



Todos os reacionários são tigres de papel. Superficialmente, parecem terríveis, mas, na realidade, não são tão poderosos. Olhando para o futuro, o verdadeiro poder reside no povo, não nos reacionários.

MAO TSE TUNG



Se as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, a burguesia e seus asseclas precisam construir a ideologia de que nada pode ser mudado. (...) A classe social portadora do novo mundo, depois de séculos de domínio burguês, deixou de ser a burguesia. A burguesia hoje ocupa a posição de reação na história. Ao proletariado, esse que é o principal produto da modernidade capitalista, coube ser o novo portador da fantasia concreta revolucionária. Não à toa, Dom Quixote foi o livro distribuído em massa após a erradicação do analfabetismo na Cuba de Fidel e na Venezuela de Chávez. Vencendo ou perdendo, nas várias batalhas nacionais que travou e continua travando, a luta revolucionária dos trabalhadores permanece. ‘Afinal, mudar o mundo, meu amigo Sancho, não é loucura, é justiça!’.”

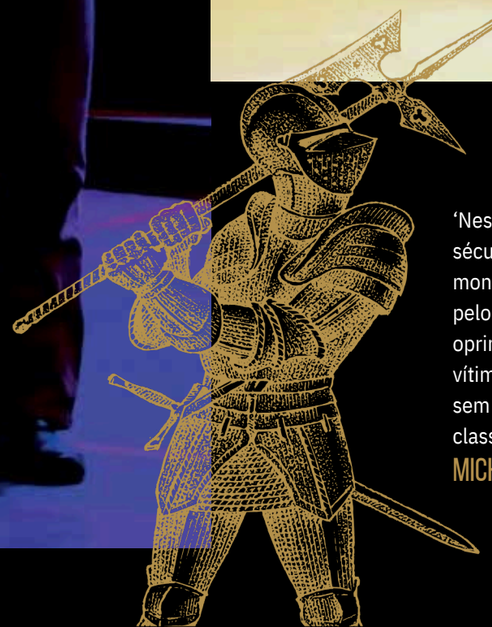
MAURÍCIO MULINARI

Enquanto a economia balançava, as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram entre 1917 e 1942. Enquanto isso, avançavam o fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários. A democracia só se salvou porque, para enfrentá-lo, houve uma aliança temporária e bizarra entre capitalismo liberal e comunismo: basicamente a vitória sobre a Alemanha de Hitler foi, como só poderia ter sido, uma vitória do Exército Vermelho. De muitas maneiras, esse período de aliança capitalista-comunista contra o fascismo — sobretudo as décadas de 1930 e 1940 — constitui o ponto crítico da história do século XX e seu momento decisivo.

ERIC HOBSBAWN







‘Nessa hora, o inimigo ainda não acabou de triunfar.’ A hora era, em 1940, a ‘meia- noite no século’ - para retomar a bela expressão de Victor Serge. As vitórias do inimigo foram monumentais: derrota da Espanha republicana, pacto alemão-soviético, ocupação da Europa pelo III Reich. Aquele inimigo, Benjamin conhecia bem: o fascismo. Ele representa, para os oprimidos, o perigo supremo, o maior a que já foram expostos na história: a segunda morte das vítimas do passado e o massacre de todos os adversários do regime. A falsificação, em escala sem precedentes, do passado, e a transformação das massas populares em instrumento das classes dominantes.

MICHAEL LÖWY

Não se conta um conto de fadas para esconder, não, mas para revelar, para dizer o mais alto que puder tudo o que você sente.

EUGÈNE SCHWARTZ

Nós precisamos da fantasia para pensar o mundo.
E para transformá-lo.

CHINA MIÉVILLE

Foto: 2021





O fantástico desafiador – o jamais-possível – não vai desaparecer. O que está posto em jogo é a afirmação de que o fantástico, particularmente devido ao fato de que a ‘realidade’ é uma ‘forma fantástica’ grosseira, é um bom recurso para auxiliar o pensamento. Entender a fantasia como incorporação, no pensamento humano, da potência transformadora e emancipadora é de especial interesse político e estético para marxistas.

CHINA MIÉVILLE

Sempre precisamos e sempre precisaremos de dragões: às vezes para respirar suas chamas e nos queimar, às vezes para nos carregar em suas asas para que possamos ver nosso mundo de novo. Agora, mais do que nunca, isso identifica a importância da fantasia.

DANIEL BAKER

Um cenário fantástico de cidades brotando de pântanos, catedrais e minaretes, palácios e bairros operários, samovares e canhões, cimitarras e fuzis pode dar a impressão de fantasia, mas trata-se de uma história fantástica que ocorreu de fato e estremeceu o mundo, abalando os alicerces da ordem e marcando definitivamente a humanidade na aurora de um novo século.

CHINA MIÉVILLE



“A principal função política da arte hoje é mobilizar a fantasia.

HEINER MÜLLER

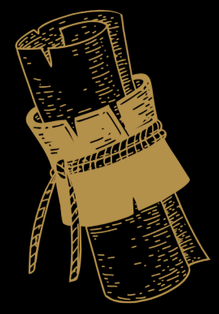
É extremamente significativo que a nossa consciência não se limite a girar em torno do impossível enquanto ainda-não-possível: o fato de que o jamais-possível não tenha sido eliminado e sim se tornado um modo cultural extremamente importante é espantoso. Nossa consciência do não real não é simplesmente uma função de atividades físicas imediatas. O fantástico desafiador – o jamais-possível – não vai desaparecer. O que está posto em jogo é a afirmação de que o fantástico, particularmente devido ao fato de que a ‘realidade’ é uma ‘forma fantástica’ grosseira, é um bom recurso para auxiliar o pensamento. Entender a fantasia como incorporação, no pensamento humano, da potência transformadora e emancipadora é de especial interesse político e estético para marxistas.

CHINA MIÉVILLE



É preciso muita teimosia, virtude sem a qual não se fazem revolucionários.
TROTSKY

A burocracia é essencialmente necessária todas as vezes que ásperos antagonismos se encontram presentes e que é preciso atenuá-los, acomodá-los, regulá-los (sempre no interesse dos privilegiados e dos possuidores e sempre com vantagem para a burocracia). O aparelho burocrático firma-se e aperfeiçoa-se por meio de todas as revoluções burguesas, por mais democráticas que sejam.
TROTSKY



Em tempos revolucionários, os limites do possível alargam-se mil vezes.
LENIN



Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas, por mais amarga que seja; não temer obstáculos; ser rigoroso nas pequenas como nas grandes coisas; ousar quando chegar a hora da ação: tais são as regras da IV Internacional. Ela mostrou que sabe ir contra a corrente. A próxima onda histórica conduzi-la-á a seu cume.
TROTSKY, PROGRAMA DE TRANSIÇÃO IV INTERNACIONAL





Que ao menos releiam Lenin, não o caluniem, não nos deem de comer a sopa fria de Stalin!
TROTSKY

A teoria da revolução permanente, segundo os epígonos do leninismo (Zinoviev, Stalin, Bukhárin e outros), constitui o pecado original do ‘trotskismo’.
TROTSKY – 1924



O desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo se, cada vez que sonha, o homem acredita seriamente em seu sonho, se observa atentamente a vida, compara suas observações com seus castelos no ar e, de uma forma geral, trabalha conscientemente para a realização de seu sonho.
LENIN



A revolução não escolhe armas. Traz para a arena ensanguentada as armas que a história forjou, aquelas que acabaram de cair das mãos de uma classe dirigente vencida.

VICTOR SERGE



A arte é uma arma.

FRIEDRICH WOLF

Depois de 1848, tornou-se necessário
chamar um gato de gato.
AUGUSTE BLANQUI

Enquanto padecia em uma prisão de Berlim durante a Primeira Guerra Mundial, a revolucionária marxista Rosa Luxemburgo frequentemente pensava em sua gata. (...) Ela havia encontrado a felina alguns anos antes enquanto lecionava em uma escola do partido socialista, adotou-a e deu a ela um nome hebraico, Mimi, que significa rebelião e amargor. (...)

Antes e depois de sua passagem pela prisão, Luxemburgo militou, ensinou, mobilizou e teorizou, e foi Mimi sua camarada – uma palavra, cuja derivação, do espanhol comrada, de colega de quarto, transmite aqui uma verdade distinta. Elas viviam juntas, liam juntas, falavam juntas e recebiam as visitas juntas, incluindo Vladímir Lênin, com quem Mimi 'flertava' e que retribuía o carinho. '

Rosa Luxemburgo viveu e levou uma vida revolucionária. Mas Mimi também.

LEIGH CLAIRE LA BERGE – MARX PARA GATOS: UM BESTIÁRIO RADICAL

Não vale a pena morrer para salvar esses fetos. Eu próprio os converti em fetos. Mutilei todos, de acordo com as minhas necessidades. As almas humanas são muito resistentes, meu querido Lancelot. Qualquer homem, com o corpo esquartejado, morre. Mas a alma pode ser despedaçada e não acontece absolutamente nada. Ela vai ficando dócil, cada vez mais dócil. As almas aqui da minha cidade são únicas no mundo. Posso assegurar a você que só aqui existem almas sem braços, sem pernas, almas surdas-mudas, almas paralíticas, almas cegas, almas furadas, almas de liquidação, almas de lixo... É uma pena que elas sejam invisíveis!

O DRAGÃO, EUGENE SCHWARTZ



Os maiores reformadores da história russa, Ivan, o terrível e Pedro, o Grande, e também os grandes reformadores de outras nações, parecem anões ao lado do vulto gigantesco do Secretário Geral. E, no entanto, o manto do gigante se dependura um tanto frouxamente na figura de Stalin. Sua figura parecia atingir dimensões míticas. Vista de perto, ainda continuava a ser a figura de um homem de estatura muito comum e de ideias medíocres. Só os punhos e os pés contrastavam a esta estatura verdadeira – eram punhos e pés de gigante.

ISAAC DEUTSCHER



“Stalin, como o herói de Gogol, coleciona almas mortas, à falta de vivas.

LEON TROTSKY

O Estado sou eu.

JOSEPH STALIN

> O caminho do mal menor constitui o caminho mais curto para o pior.
> DANIEL BENSAÏD

> Primeiro eles mordem como cães, depois eles varrem os restos desnecessários para fora do país.
> TAUBE E KRAUSE SOBRE A OPRICHININA



O capital aparece no mundo pingando da cabeça aos pés por todos os poros, sangue e lama. Assim também aparece no mundo o socialismo num só país. Apesar de todo o sangue e lama a revolução industrial inglesa assinalou um progresso fantástico na humanidade, fato sobre o qual Marx não põe em dúvida, inaugurou uma nova época da civilização. Esse é um argumento válido apenas dentro de certos limites, a Rússia se atrasara em seu desenvolvimento histórico. Na Inglaterra a servidão deixará de existir no fim do século XIV, os pais de Stalin ainda eram servos. Pelos padrões da história britânica, os séculos XIV e XX reuniram-se de certa forma na Rússia contemporânea, reuniram-se em Stalin.
ISAAC DEUTSCHER



Impressionava a tenacidade dos combatentes do Exército Vermelho que desanimava os invasores. Para os alemães, dois meses de lutas por uma estreita faixa da cidade arruinada de Stalingrado era um desastre de propaganda. O povo alemão havia sido informado que os russos estavam jogando onda após onda de homens na batalha e estavam exaurindo suas reservas. No fundo, a verdade era exatamente o oposto.

Durante setembro e outubro, os alemães lançaram menos que dezenove brigadas armadas e vinte e sete invasões de infantaria recém-formadas na batalha. Nesse mesmo período, apenas cinco divisões russas cruzaram o Volga. Zhukov só enviava o mínimo necessário para segurar os alemães, de modo que ele pudesse reunir forças para um contra-ataque. A batalha parecia longe de terminar. As ruínas de Stalingrado criaram a condição perfeita para a luta de rua dos soldados soviéticos. Os combates eram feitos corpo a corpo e cada esquina era disputada sob forte fogo cruzado. Outro elemento fundamental para a vitória dos soviéticos. Os alemães começaram a

perder força por exaustão e falta de munições. O general alemão Karl Strecker escreveu a um amigo: ‘O inimigo é invisível...emboscadas saídas de buracos no solo e das ruínas das fábricas causam muitas baixas’. Setembro, outubro, novembro de 1942, o conflito ficava mais sangrento e feroz. O ataque transformou-se em bolsões esporádicos de desesperado combate corpo a corpo em cavernas escondidas sob os escombros, e, em ambos os lados, os homens lutavam com uma selvageria absurda. As tropas estavam nojentas, fedorentas, barbadas e com olhos vermelhos. Eles estavam embriagados com vodca e anfetamina. Nenhum homem são e sóbrio poderia lutar nessas condições. Depoisde quatro dias, sobraram apenas russos. Então, um silêncio terrívelcaiu sobre Stalingrado – o silêncio da Morte.
NIGEL CAWTHORNEISAAC DEUTSCHER





TRABALHADORES DO ESPETÁCULO

Autor **Eugène Schwartz**
Tradução **Maria Julieta Drummond de Andrade**

Direção **Luiz Fernando Lobo**
Direção de produção **Tuca Moraes**
Conselheira Artística **Iná Camargo Costa**
Cenografia e espaço cênico **J.C. Serroni**
Iluminação **Cesar de Ramires**
Figurino **Beth Filipecki e Renaldo Machado**
Música original e direção musical **Felipe Radicetti**
Programação visual **Tatiana Rodrigues e Marcos Apóstolo**
Preparação corporal **Luiza Moraes**
Criação Dragão Alado, Máscara do gato e luva do dragão **Eduardo Andrade/Arte5**
Desenho de som **Branco Ferreira**
Efeito aéreo do dragão e Lancelot **Cláudio Baltar** Coordenação de Produção executiva **Aninha Barros** Assistente de direção **Paola de Paula**
Assistente de produção **Gabriel Alvarenga, Kyara Zenga e Théo de Figueiredo**
Produção de set **Fellipe Rodrigues**
Operação de luz e técnico de luz **Pedro Passini**
Operação de som **Branco Ferreira**
Microfonista **Luiza Jacinto**
Rigger Operação dragão (tirolesa) e técnico de segurança rapel **Tadeu Lima**
Rigger eletricista e técnico de segurança Lancelot **Thiago Rocha Roldão**
Técnico de Palco **Valdeir Baiano**
Assessoria de imprensa **Armazém Comunicação – Christina Martins e Maria Marinho**
Coordenação Ciência do Novo Público e gestão de redes sociais **Clarice Tenório Barretto**
Ciência do novo público **Andreza Dias, Clara Maia, Grégori Eckert, Mateus Pitanga, Maura Santiago, Thaise Oliveira e Victória Rangel**
Fotos **Renam Brandão e Thiago Gouvea**
Vídeos **Maria Flor Brazil e Claudio Tammela – Banda Filmes**
Música O Fim da História (agradecimento) **Gilberto Gil e Renato Braz**

Equipe execução dragão **Eduardo Andrade, Marcelly Soares, Gabriel Liborio com colaboração de Isadora Liborio e Flávia Brasil**
Direção de movimento dragão **Bruno Descaves e Eduardo Andrade**
Consultoria e Treinamento de aéreo **Adelly Costantini e Lana Borges**
Consultoria e Treinamento arame **Cinthia Nunes, Monik da Costa e Ina**
Consultoria e Treinamento de pirofagia **Rodrigo Novello**
Consultoria Mágica **Mágico Janjão**
Assistentes de cenografia **Débora Ferreira e Júlia de Ohana** Pintura de arte **Beatriz Leandro e Samara Pavlova**
Assistentes de pintura de arte **Débora Ferreira, Byanka M. Santos. Flávia Bittencourt e Maria Eduarda Luz**
Pintura de bandeiras **Samara Pavlova, Priscila Soares, Natália Campos, Mariana Machado, Camila Bueno e Natália Barros**
Cenotécnicos de construção **Wagner Almeida, José Alves e José da Hora**



Cenotécnicos de montagem **Alício Silva e Douglas Vendramini**
Maquinistas de montagem **André Souza, Igor Gomes e Benilson Alves**
Costuras cenográficas **Flávia Bittencourt**
Criação e confecção figurino equilibrista **Edvalda Moura**
Coordenação de oficina de cenografia **J.C. Serroni e Luiz Fernando Lobo**
Coordenação de oficina de adereços **Anderson Reis**
Participantes da oficina de adereços e montagem **Agatha Benevides Huapaya, Alephy Lohse, Arthur Leandro Sá Motta, Danilo Gomes Neiva, Débora Pinheiro, Hugo Garcez Tavares, Isis Alves, João Pedro de Macena, Jordana Inácio de Andrade, Letícia do Valle, Lucas Menezes, Luiz Eduardo da Cunha Alves da Silva, Maria Fernanda Santana da Costa, Mariana Laurentino, Mariana Martins Pais de Oliveira, Mariana Silva de Andrade, Matheus da Silva Lima, Melissa da Silva Nascimento, Nathália Rodrigues Farias, Poema Abreu, Rafael Romero Vasquez, Samir Alves, Sophia Chueke, Tuany Lima**

EQUIPEINSTITUTOENSAIOABERTO | ARMAZÉMDAUTOPIA
Direção artística **Luiz Fernando Lobo**
Direção executiva **Tuca Moraes**
Coordenação de produção **Aninha Barros**
Coordenação de captação e assessoria de direção **Kathryn Valdrighi**
Coordenação operacional **João Queiroz**
Administrativo financeiro **Ione Melo**
Assessoria da direção e operação **Victoria Alves**
Assessoria direção executiva **Talita Cairrão**
Analista Operacional **Priscila Pena Di Franco**
Assistente executiva **Thaiana Telles**
Assistente de Captação **Daniel De Mello**
Assistente administrativo financeiro **Pietra Aranda e Théo Costa Moreno**
Produção Teatro dos Trabalhadores **Cinthia Lima**
Laboratório de corpo **Luiza Moraes, Milena Codeço e Mika Maquino**
Laboratório de figurinos **Ana Clara Assunção e Joana Pacheco**
Laboratório de cenografia **J.C. Serroni e Júlia de Ohana**
Laboratório de iluminação **Cesar de Ramires e Leonardo Hinckel**
Laboratório de objetos de cena **Grégori Eckert e Bibi Dullens**
Laboratório de memória **Ciência do Novo Público**
Técnico de palco **Valdeir Baiano**
Assistentes técnicos **Alex Santos, Leonne dos Santos e Fernando Lucas da Silva Ignez**
Limpeza **Comfácil e Jayme Barbosa**
Seguranças **BM Serviços**
Motorista **Victor Passini**

TRABALHADORES DA CENA
Luiz Fernando Lobo Dragão
Leonardo Hinckel Lancelot
Tuca Moraes Gato
Gilberto Miranda Carlos Magno
Claudio Serra Burgomestre, Coro Operário
Luiza Moraes Elsa, Coro Operário, Equilibrista, Dança Vertical
Matheus França Henrique, Coro Operário
Grégori Eckert Tecelão, Coro Operário, Pirofagia, Rapel, Lanceiro, Tropa de Choque
Anderson Primo Tecelão, Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Rossana Russia Tecelã Cantora, Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Ana Clara Assunção Tecelã, Coro Operário, Pirofagia, Rapel, Lanceiro, Tropa de Choque
Du Machado Violinista, Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Gabriel Ribeiro Ferreiro, Coro Operário, Rapel, Lanceiro, Tropa de Choque
Marcus Liberato Chapeleiro, Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Kyara Zenga Coro Operário, Amiga da Elsa, Lacaia, Rapel **Bibi Dullens** Coro Operário, Amiga da Elsa, Lacaia
Mateus Pitanga Coro Operário, Chefe da Prisão, Rapel, Lanceiro, Tropa de Choque
Rafael Telles Coro Operário, Jardineiro, Lanceiro, Tropa de Choque
Lucas Menezes Coro Operário, Lacaio, Pirofagia, Rapel, Lanceiro
Daniel De Mello Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Dani Arreguy Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Jorge Guerreiro Coro Operário, Lanceiro, Tropa de Choque
Lua Vicentini Coro Operário, Rapel, Lanceiro, Tropa de Choque
Thaise Oliveira Coro Operário

GRUPOS DE TRABALHO O DRAGÃO
Gt luz **Leonardo Hinckel**
Gt cenografia **Júlia de Ohana e Daniel De Mello, Du Machado, Gabriel Ribeiro, Jorge Guerreiro, Leonardo Hinckel, Mateus Pitanga, Rafael Telles, Thaise Oliveira**
Gt figurino **Ana Clara Assunção, Joana Pacheco e Dani Arreguy, Kyara Zenga, Lua Vicentini, Marcus Liberato**
Gt objetos de cena **Grégori Eckert, Bibi Dullens e Anderson Primo Gilberto Miranda, Lucas Menezes Matheus França, Rossana Russia**



AGRADECIMENTOS
Prefeitura do Rio de Janeiro
Deputados Benedita da Silva, Jandira Feghali, Chico Alencar, Talíria Petroni, Tarcísio Motta e Daniel Soranz que em 2026 direcionaram recursos para fomentar as atividades socioculturais do Armazém da Utopia;
Gilberto Gil, Flora Gil, Renato Braz, Carmem Aguiar
Cabelereiro e todas e todos que nos ajudaram a cortar a cabeça desse dragão.

O Dragão, segunda edição, estreou dia 1º de maio de 2026, no Armazém da Utopia, RJ.

APOIO
Comlurb, Companhia da Luz, Copa engenharia
e Mil Geradores



Foto: 2021



ensaio aberto

PATROCÍNIO

PETROBRAS

Lei Rouanet

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL

DO LADO DO POVO BRASILEIRO